ARENITO

A ROCHA DO BRASIL

ALBERTO ORTENBLAD

ARENITO

A ROCHA DO BRASIL

Ilustrações de Walter Junior

ALTA MONTANHA

Copyright © Alberto Ortenblad Filho

Capa e diagramação: Walter Junior

O77t Alberto Ortenblad
Arenito - A Rocha do Brasil / Alberto Ortenblad. 3. ed -
São Paulo, SP: Clube de Autores Brasil, 2019.
-pp.; 21 cm

isbn: 978-85-923072-8-8

1. Relatos de viagem – Brasil e Exterior 2. Relatos sobre natureza – Brasil e Exterior 3. Montanhismo – Brasil e Exterior 4. Paisagismo urbano 5. Parques naturais brasileiros 6. Ficção 7. Arqueologia brasileira 8. Oceanografia

CDD 910
CDD B869

CAPA: Pontão no Baixão das Andorinhas, PN da Serra da Capivara, PI
CONTRACAPA: Vista dos Três Irmãos na Chapada Diamantina, BA

Outros livros do autor: Travessia nos caminhos da natureza
Madrugada no rumo do sol
Moraina entre a rocha e o céu
Palmeira a árvore da vida

Este livro não é vendido em livrarias e pode ser adquirido no site do Clube de Autores.
O autor escreve coluna no site Alta Montanha e artigos no jornal Mountain Voices.
Alguns dos nomes foram alterados para resguardar a identidade dos personagens.
O e-mail do autor é ortenblad@terra.com.br.

Nos livros anteriores, constaram ao fim de cada capítulo imagens das grandes montanhas da Ásia, em especial do Himalaia, e da América, ao longo dos Andes. Neste, aparecem as principais montanhas brasileiras, começando naturalmente pelas mais altas e continuando por algumas das que considero mais belas.



À minha mãe, que me amou sem que soubesse. À minha irmã, que sempre amou todos nós. À minha filha, que é a mãe que eu queria ter tido. À minha primeira mulher, que me deu os filhos. E à minha última esposa, que sonha ser minha mãe.

Sumário

1. Arenito Rupestre 9
2. Do Caiapó ao Roncador 15
3. As Mesas e o Chapéu 23
4. Olmsted 29
5. Um Conto de Fadas 35
6. Natureza Vertiginosa 43
7. Grão Mogol 55
8. Botumirim 61
9. A Sombra 67
10. A Chapada Diamantina 75
11. Montanhas do Silêncio 85
12. A Tromba 93
13. O Príncipe 99
14. Carajás 109
15. O Domo 117
16. O Paraíso 123
17. Os Martírios 131
18. O que é o Mar? 137
19. Lei Justíssima 147
20. O Peruaçu 153

1

Arenito Rupestre

Vou lhe falar de duas regiões próximas no interior do Brasil – a goiana Serranópolis, voltada para a agricultura, e a mato-grossense Alcinópolis, dedicada à pecuária. Vilas modestas, situadas no interior de campos amenos, têm em comum um interessante acervo de pinturas rupestres.

Voltarei aos Estados de GO e MT no capítulo seguinte e, depois, ao distante MA. São todas regiões recobertas pelo arenito, título deste livro, rocha sedimentar sobre o qual todo o Brasil Central está assentado.

Talvez você tenha lido na contracapa do livro que o arenito, dentre todas as rochas, é a que melhor exprime as forças que o formaram. Suas figuras exuberantes refletem a ação da sedimentação e da compactação, a erosão do vento e da chuva. É a única rocha cujo visual repercute sua história, como se ela fosse viva.

Serranópolis

Pertence ao chamado sudoeste goiano, uma grande e rica região agropastoril. Foi inicialmente colonizada por fazendeiros mineiros. Com o tempo, passou a receber agricultores gaúchos, interessados no plantio de soja – que hoje compartilha o espaço com o milho e a cana.

No passado distante, a região foi habitada por povos pré-históricos – oferecia desde abrigos rochosos e frutos variados do cerrado a campos e rios com presença de caça abundante.

Os índios xavantes, bororos e carajás costumavam atravessar esta região. Foram encontrados vestígios de povoações estáveis, datadas desde 11 mil anos atrás nas dezenas de abrigos da região. O fóssil do *Homem de Jataí*, um dos mais antigos do Brasil, foi descoberto lá.

Os índios primitivos eram inicialmente caçadores-coletores, mas depois evoluíram para grupos ceramistas e agricultores, como ocorreu em todo o país. Eles deixaram representações rupestres no arenito basáltico da região, que resultou de antiquíssima invasão marinha quando o relevo era rebaixado.

As pinturas em coloração sépia são mais antigas, com farta representação de pássaros, lagartos e figuras geométricas. Já as gravuras são mais recentes e contêm belos grafismos abstratos. Aparecem também alguns desenhos antropomorfos, ou seja, tendo os seres humanos como motivo.



A mais conhecida figura rupestre de Serranópois, GO representa o voo de uma arara estilizada. Imóvel assim, parece que ela voará para sempre.

Serranópolis integra a chamada Bacia Sedimentar do Rio Paraná, uma gigantesca depressão no interior do país. É recoberta pela formação do arenito de Botucatu, típico do Brasil Central. Seu relevo é moderadamente acidentado, sem escarpas acentuadas. Exibe panoramas agradáveis, com cristas, colinas e campos de belo visual.

A cobertura vegetal é o cerrado - embora robusto, não chega a apresentar uma vegetação fechada. A região é atravessada pelo Rio Verde, importante afluente do Paranaíba, ao longo de seu curso para a Bacia do Prata.

Serranópolis é principalmente visitada por causa da Reserva das Araras. Lá existiam algumas trilhas, em especial a longa Trilha do Paredão. Esta apresenta belos visuais distantes, das escarpas da serra, das copas das árvores na mata e das culturas no campo. São impressionantes os torreões e as paredes escarpadas e irregulares, com as formas expressivas do arenito.



As torres em arenito na Pousada Araras de Serranópolis, GO.
Nas suas bases existem preciosos registros rupestres.

A outra atração é a Gruta e Cachoeira do Diogo. Situada numa fazenda de relevo acidentado, é um lindo circuito, onde você poderá descer até as duas grutas areníticas, avançar até a delicada queda e subir de volta pelo íngreme caminho na mata. Um trek semelhante é o do Véu do Moquém, uma espécie de repetição diminuída do anterior.

A menos que você seja interessado na arte rupestre primitiva, não acredito que vá experimentar grandes emoções em Serranópolis. Entretanto, sua proximidade com o Parque das Emas de Mineiros (GO) e com o Templo dos Pilares de Alcinópolis (MS) sugere uma visita a esta região bonita e agradável.

Alcinópolis

Ela é ao mesmo tempo recente e antiga. Seu povoamento moderno começou pelo fazendeiro Alcino Carneiro (daí o seu nome). À semelhança de Serranópolis, a região era atravessada por tribos indígenas nômades há mais de 10 mil anos, como atestam suas inúmeras inscrições rupestres. Teriam sido paleo-índios caiapó, cadwel e bororo.

Situada no norte do MS, fica próxima de MT e de GO. Não tão distante do Pantanal, é bem baixa – prepare-se então para aquele clima

tropical quente e abafado. Seu relevo apresenta chapadões e escarpas compostos por arenitos basálticos, novamente associados à antiga presença do mar. É principalmente uma região de pecuária.

Sua bacia hidrográfica pertence ao Taquari, afluente do Paraguai. O Taquari é dos mais importantes rios do Pantanal. Seu leito sofre um intenso assoreamento e seu delta é único e gigantesco.

Vale lembrar que os rios do oeste do Mato Grosso do Sul correm na direção das terras baixas do Pantanal e são afluentes do Paraguai, único curso que drena todo este território. Este resumo não parece garantir a Alcinópolis uma situação favorável em termos de ecoturismo, não fosse pela presença de alguns sítios especiais.

A Serra do Bom Jardim é uma bela formação em arenito avermelhado, suas encostas onduladas erguendo-se acima das verdes pastagens à volta. Nela foi criada um Monumento Natural com 6 mil hectares, que é o grande diferencial da região.

Monumentos Naturais são unidades de conservação onde é possível manter o uso da terra por seus proprietários. Alguns exemplos são o Pão de Açúcar (RJ) e a Pedra do Baú (SP), além dos incríveis pontões de escalada em Pancas (ES).



O surpreendente Templo dos Pilares em Alcinópolis, MS. Local sagrado dos índios antigos, recoberto de misteriosas pinturas milenares. Mostra forte impressão visual, ao aparecer de repente na trilha.

Pois no interior desta serra existe um pequeno parque municipal. É o formidável *Templo dos Pilares*, uma espécie de anfiteatro natural formado por grandes pilares de arenito decorados com variadas pinturas e gravuras rupestres, com forte impacto visual. Parece um local mágico e religioso construído pelo homem - e não esculpido pela natureza, o que o torna ainda mais especial.

Seu estilo é eclético, contendo grafismos geométricos e abstratos até hoje difíceis de decifrar, com homens e animais estilizados. Este templo notável irá lhe aparecer de repente, como que por encanto.

Mas há outras razões para tornar a Serra do Bom Jardim um local interessante: a existência de trilhas cênicas, com um grande desnível com os campos baixos. A principal delas é a Trilha do Pôr do Sol e a maior, a Trilha da Pata da Onça.

Os povos primitivos provavelmente percorriam em sucessão dois outros locais: o Pitoco e o Barro Branco. São grutas decoradas com pinturas, repletas de figuras. Permitem lá de cima belas vistas do tranquilo panorama do relevo regional.



A Serra do Barro Branco em Alcinópolis, GO contém rochas de belos formatos, que abrigam no seu interior a gruta de mesmo nome.

Curiosamente, se você avançar a sul ou a oeste, não encontrará vestígios, pois estas direções não pertenciam à rota dos índios. No futuro, reservas poderão ser criadas nestes sítios, formando uma espécie de percurso de interesse tanto histórico como ecológico, num exemplo raro de ser encontrado no Brasil.



Picos da Neblina (2.995m)
Serra do Imeri, AM

2

Do Caiapó ao Roncador

I

Se Alcinópolis, motivo do capítulo anterior, fica logo ao sul da Serra do Caiapó, a região de Caiapônia está no seu centro, o que lhe confere formações serranas realmente espetaculares.

Os Caiapós: Os caiapós que originaram o nome do município são uma tribo amazônica que existe hoje praticamente apenas no Mato Grosso e no Pará. Eram caçadores violentos e habitavam o cênico vale do Rio Caiapó. Ocupavam desde tempos imemoriais a bacia inferior do Tocantins.

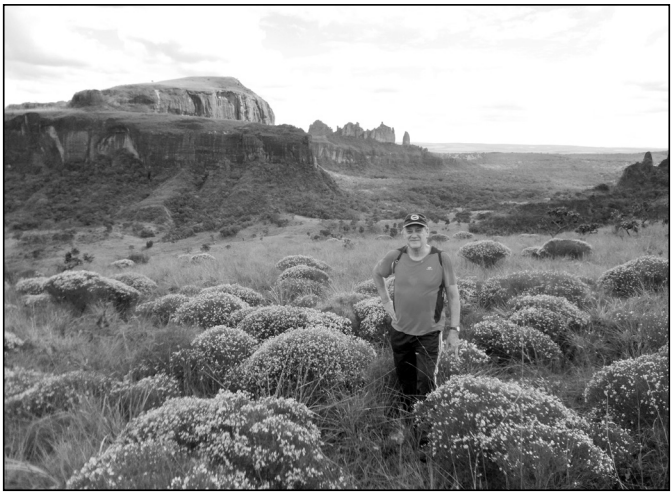
Após sucessivos confrontos com os brancos, eles se cindiram: um grupo migrou para a segurança do interior e outro procurou se relacionar com os colonizadores. Este último foi dizimado por pestes. Os caiapós praticam uma das mais belas lendas indígenas, segundo a qual desceram do céu onde moravam até a terra, deslizando por fios prateados de aranha.

Caiapônia: Apesar do grande território, Caiapônia é uma cidade pobre e pequena. Acredito que, se você não for morador da região, deva evitar o verão úmido e quente. Mesmo no outono, quando lá estive, a temperatura chegava a 32°C.

Mas o verão tem uma vantagem: o Carnaval da cidade, chamado de *Festejos do Zé Pereira*, onde mulheres se vestem de homem e homens de mulher. Porém não sei se você é afeito ou afeita a essas trocas – ou se as acha um tanto perigosas.

Caiapônia ocupa o centro da Serra do Caiapó, uma longa formação que atravessa todo o sudoeste goiano. O seu trecho mais significativo, correspondente a cerca de 100 dos seus 450 km, se estende no sentido leste-oeste e apresenta escarpas com interessantes desníveis acentuados.

Os demais trechos correm ambos no sentido sul-norte, nas duas extremidades da serra, sendo compostos por chapadões um tanto monótonos e regulares, em contraste com a porção central acidentada.



Vista da Serra Azul em Caiapônia, GO. Ela é o detalhe mais expressivo da longa Serra dos Caiapós.

A altitude média é de 735m e a rocha da serra é o arenito, em geral na viva coloração avermelhada. A vegetação que recobre suas encostas é o cerrado. As terras de Caiapônia são ocupadas pelas lavouras de grãos nas áreas elevadas do reverso da serra e pela pecuária bovina nas regiões acidentadas de suas escarpas.

Como dizem na região, ela é atravessada pelos rios que correm para o norte e para o sul. E são destinos bem diferentes: no primeiro caso, para o Araguaia, que sobe rumo ao Tocantins e, no segundo, para o Paranaíba, um dos formadores do Paraná.

As Serras: O melhor visual de toda esta região é o maciço que une as três formações da Serra das Torres, Serra Azul e Gigante Adormecido. É um impressionante conjunto em arenito, com dramática presença de pináculos, escarpas e chapadas.